



Nem o tempo  
nem a distância  
serão capazes de pôr fim  
a uma ligação como esta.

# CARTAS PICANTES

VI KEELAND  
PENELOPE WARD

AUTORAS BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

TOP  
SEL  
LER

*Para todos os que sofrem de ansiedade,  
você não estão sozinhos.*

# 1

## Luca

**E**na pá, cá vamos nós outra vez.

Empurrei o carrinho de compras para a frente em vez de o virar para avançar pelo corredor conforme planeado. Mas depois de dar um passo ou dois, não consegui evitar. Recuei o suficiente para esconder o meu corpo atrás da prateleira e estiquei a cabeça de modo a observar a ação.

Uma ruiva com o cabelo muito frisado e artificial voltou a colocar um desodorizante na prateleira e pegou noutro. Abriu a tampa e cheirou-o, depois levantou a ponta da camisola e passou o desodorizante pela axila, passando depois para a outra. Voltou a fechar a tampa e, por instantes, inspecionou a prateleira antes de pegar noutro de outra marca. Em seguida, voltou a tirar a tampa, cheirou-o e passou-o nas axilas. Fiquei a observá-la, fascinada com a sua expressão séria, enquanto ela experimentava seis desodorizantes diferentes antes de uma empregada do supermercado reparar no que ela estava a fazer. Quando ambas avançaram pelo corredor aos gritos, achei que estava na altura de me pôr a andar e de terminar a minha ida às compras.

Há uns meses, vi um homem a «experimental» uma dúzia de frangos. Retirou a película de plástico de cada uma das embalagens, arrancou uma coxa, deu uma grande dentada e voltou a enfiar a coxa no frango, colocando novamente a película de cada uma das embalagens. Quando relatei o incidente ao gerente, este suspirou e gritou ao

repositor para ir chamar o Sr. Hammond. Os clientes que vão comprar comida às duas da manhã a um supermercado que está aberto durante 24 horas costumam ser uma espécie rara. *E eu sou uma dessas pessoas.*

— Como te sentes hoje, Luca? — perguntou a Doris, a operadora de caixa, enquanto eu pousava as compras no tapete. Ela trabalha neste supermercado desde que eu comecei a vir aqui, há cerca de cinco anos. É uma senhora muito amável. Eu sabia que ela tinha nove netos e que o décimo vinha a caminho. Durante o dia, tomava conta de alguns deles e, por esse motivo, fazia o turno da noite. A Doris era também uma das poucas pessoas a quem eu contara o motivo pelo qual fazia compras a meio da noite num supermercado que ficava a 64 quilómetros de distância da minha casa.

— Estou bem — respondi. Ela passou pelo leitor os códigos de barras de uma embalagem de caramelos de alcaçuz, duas latas de *Pringles* e duas embalagens de *brownies*. Não era o tipo de compras que eu fizesse habitualmente, por isso justifiquei-me. — Estou a fazer compras para uma viagem de carro, não estou grávida.

A Doris ergueu as sobrancelhas.

— Uma viagem de carro? Deve ser uma viagem especial, se vais enfiar-te num carro minúsculo durante vários quilómetros.

— Tenho de tirar os pertences que estão no apartamento do meu pai em Manhattan.

— Ele faleceu no ano passado, não foi?

Assenti com a cabeça.

— Tenho andado a evitar. Preferia ser torturada a pôr os pés numa ilha minúscula com uma população de oito milhões e meio de pessoas. Já para não falar das longas horas que terei de passar dentro de um carro no meio do trânsito para lá chegar. Uma autêntica tortura.

A Doris franziu o sobrolho.

— Não podes contratar uma pessoa para fazer o serviço?

Eu *já tinha* contratado uma pessoa. Mas, depois, a culpa que senti, aliada aos conselhos do Dr. Maxwell, o meu psicólogo, convenceu-me a fazer a limpeza sozinha. A ideia de me cruzar com todas aquelas

peessoas na cidade de Nova Iorque provocou-me insónias e eu voltei a contratar a empresa. Mas depois cancelei. *Outra vez*. Acabei por contratar outra empresa, porque sentia demasiada vergonha de contactar a mesma empresa uma terceira vez. E uma vez mais, cancelei. *Lavar. Enxaguar. Repetir*. Até que, por fim, o meu tempo esgotou-se e, bem, é já amanhã.

— É algo que preciso de fazer.

A Doris parecia genuinamente preocupada.

— Vais ficar bem? Sou uma boa copiloto, se precisares da companhia da uma amiga.

Sorri.

— Obrigada, Doris. É muito generoso da tua parte. Mas eu já tenho companhia. Partimos amanhã à noite para fugirmos ao trânsito o mais que pudermos.

A Doris concluiu a leitura das minhas compras e eu passei o cartão pelo terminal de pagamento. Antes de me ir embora, retirei do carrinho uma embalagem de cerejas e outra de bolachas de chocolate negro *Milano*. Coloquei-as na ponta do tapete, como de costume.

— As cerejas são para os teus netos. Esconde as bolachas dos monstros.

Ela agradeceu-me.

— Boa viagem, minha querida. Mal posso esperar para saber todas as novidades.

*Sim, eu também*. Iria ser uma viagem e peras!

\*\*\*

— Podias concentrar-te mais no relaxamento se me deixasses conduzir o meu carro. Podias ouvir algumas daquelas cassetes de técnicas de respiração que eu te dei.

Olhei para o *Cadillac* amolgado do Dr. Maxwell que estava estacionado à entrada da minha casa. O homem nem sequer devia poder conduzir. Na verdade, ele era um ótimo exemplo do motivo pelo qual as pessoas de uma certa idade deveriam ser submetidas a um novo

exame para manter a carta de condução. *Relaxar* seria a última coisa que eu conseguiria fazer, caso fosse ele a conduzir. Além disso, ele sabia que eu tinha de assumir o controlo da situação dentro daquilo que fosse humanamente possível.

Liguei a ignição, e o meu copiloto, que estava de laço, levou uns binóculos aos olhos e espreitou pelo vidro. Precisava de um novo psicólogo, só por ter achado que era boa ideia fazer esta viagem com o meu psicólogo atual.

— Está pronto, doutor?

Ele acenou com a cabeça, mas não baixou os binóculos.

— Nunca fui à *Big Apple*. Mal posso esperar para ver as aves que vamos encontrar.

Abanei a cabeça.

— São pombos, doutor. Ratos com asas. É só isso que nós vamos encontrar.

Iniciámos a viagem de sete horas entre o Vermont e Manhattan. As primeiras horas foram tranquilas, até apanharmos um engarrafamento. Comecei a suar — literalmente — e a sentir um formigueiro nas pontas dos dedos. *Oh, não. Não enquanto estou a conduzir.* Por vezes, o medo do ataque de pânico iminente era quase tão mau como o ataque de pânico propriamente dito. O meu coração começou a bater descompassado e senti uma tontura. Havia alturas em que vomitava durante um episódio grave, e *não* queria que isso acontecesse na estrada. Tomei a decisão precipitada de aproximar mais o carro da berma para conseguir evitar a sensação de me sentir enclausurada entre os carros parados. A guia sonora na berma acordou o Dr. Maxwell da sua sesta e, de imediato, ele agarrou-se à pega de emergência que se encontrava por cima da porta.

— O que é que se passa? O que é que foi?

— Nada. Apanhámos um pouco de trânsito. O meu coração começou a acelerar e eu precisei de fazer um desvio.

Só mesmo o meu psicólogo poderia ficar aliviado com aquilo que eu tinha acabado de dizer. Largou a pega do carro e falou com um tom de voz calmo.

— Não agarres o volante com tanta força, Luca.

Baixei o olhar. Tinha os nós dos dedos brancos e os dedos vermelhos. Fiz o que ele mandou, porque, embora não confiasse naquele terapeuta tresloucado para conduzir um carro, ele sabia como acalmar os meus ataques de pânico. Assenti e disse:

— Experimentei uma técnica de relaxamento da respiração. Claramente não funcionou.

— Diz-me o que estás a fazer neste momento.

Olhei para o doutor e depois novamente para a estrada, enquanto continuava a conduzir pela berma.

— O que estou a fazer? Estou a conduzir.

— Não. Diz-me o que é que conseguiste fazer agora mesmo, quando sentiste a sensação de pânico a instalar-se.

— Dirigi-me para a berma? — Não sabia bem onde ele queria chegar com aquela conversa.

— Isso mesmo. Passaste o carro de uma faixa para outra, o que te fez sentir mais segura. Podes fazer isso. E podes sempre parar o carro e sair, se te apetecer.

Assenti com a cabeça. Obviamente, ele tinha razão. Mas ele não estava apenas a constatar o óbvio. Estava a lembrar-me de que era *eu* que controlava a situação e que exercera esse controlo quando sentira necessidade de o fazer. O causador principal do meu transtorno de ansiedade era o medo avassalador de ficar presa. E era por esse motivo que eu evitava multidões, trânsito, transportes públicos ou espaços confinados. No entanto, conseguia passear numa cidade repleta de gente. Exercer controlo para sair da situação ajudava a aliviar a minha ansiedade.

— Respira fundo, Luca.

Inspirei pelo nariz e expirei pela boca. Senti um arrepio na pele, o que me deu um certo conforto. O meu corpo transpirava quando estava prestes a ter um ataque de pânico; o meu rosto ficava perlado de suor e a minha temperatura corporal subia. Um arrepio era sinal de que o meu corpo estava de novo a arrefecer.

— Conta-me sobre o teu encontro no sábado.



Eu sabia que ele estava a tentar distrair-me, a manter a minha mente focada noutra coisa que não o ataque de pânico, mas pouco me importava.

— Ele levou... a *mãe*.

O doutor franziu o sobrolho.

— A mãe?

— Sim. A um piquenique que eu tinha preparado. — Os piqueniques no parque à hora de almoço eram a minha opção para primeiros encontros, independentemente do clima. Dessa forma, conseguia evitar restaurantes cheios e manter um ambiente descontraído. A única alternativa era a minha casa, mas o último homem que eu convidara para ir jantar a minha casa tinha assumido que isso significava que o estava a convidar para fazer sexo no primeiro encontro.

— Por que raio haveria ele de levar a mãe?

Encolhi os ombros.

— Disse que lhe contou os nossos planos e que ela referiu que nunca tinha ido àquele parque. — Era isto que acontecia quando eu era sincera com os homens e lhes contava os meus problemas antes de nos conhecermos: só arranjava *esquisitoides*. Mas não seria justo ocultar que não podia ir a encontros como uma rapariga normal de 25 anos. Como seria de esperar, os homens costumavam desaparecer num ápice quando usávamos termos como *agorafobia* e *ansiedade* para nos descrevermos. O que, por sua vez, significava que os homens que não desapareciam eram aqueles que pouco interessavam.

Apercebendo-me de que a nossa conversa me tinha distraído e ajudado a atenuar o ataque de pânico crescente que sentia, disse:

— Já agora, obrigada pelas palavras. Já me sinto muito melhor. Vou só estacionar naquele parque de estacionamento vazio ali à frente e sair para fazer alguns alongamentos.

O doutor sorriu, pois sabia que o yoga era uma das minhas técnicas de relaxamento.

— Muito bem.

O resto do percurso foi quase pacífico — tirando uns quantos desvios extra e o momento em que o doutor começou a falar com a sua



*amiga* ao telemóvel com o volume tão alto que eu a ouvi a lembrá-lo de aviar a sua receita de *Viagra*. Tinha organizado a viagem de modo a chegarmos a Manhattan a meio da noite, para evitarmos o mais possível o trânsito, e tivemos a sorte de encontrar um lugar de estacionamento na rua, uma vez que recorrer a uma garagem estava fora de questão para mim. O meu psicólogo de confiança iria ficar hospedado num hotel a poucos metros do apartamento do meu pai.

— Doutor. Acorde. Chegámos.

Ele acordou com uma expressão de confusão no rosto e eu senti-me mal por me ver obrigada a interromper-lhe o sono.

— O que foi? Hã? Ah. Está bem. Aqui. Sim. Está bem.

Acompanhei-o até ao hotel e aguardei junto à porta para me certificar de que ele não tinha tido problemas com o check-in.

— Mais uma vez, obrigada por me acompanhar nesta viagem, doutor. Ligue-me se lhe apetecer tomar o pequeno-almoço de manhã. Sei que é tarde, por isso talvez prefira só almoçar.

O doutor deu-me uma palmadinha no ombro.

— Liga-me se precisares de mim. Sempre que precisares, Luca. E hoje portaste-te bem. Muito bem. Estou orgulhoso de ti. — Eu sabia que ele estava a ser sincero.

Embora me tivesse sentido cansada durante as últimas horas da viagem, ao entrar no apartamento do meu pai senti-me subitamente desperta. Era uma sensação estranhíssima, entrar ali sem o meu pai lá estar. Tinha falecido há um ano, embora não fosse possível perceber isso ao olhar para o apartamento. A Sra. Cascio, a vizinha do meu pai, vinha todos os dias trazer o correio e, por norma, limpava as teias de aranha.

Dei uma volta pela casa e abri todas as janelas, porque o ar fresco ajudava-me sempre a sentir-me menos encurralada. As estantes do meu pai continuavam repletas de molduras com fotografias, e nenhuma delas tinha sido mudada desde a morte da minha mãe, há cinco anos. Peguei numa pequena moldura prateada com duas fotografias. O lado esquerdo tinha uma fotografia minha vestida com o uniforme dos escuteiros e o lado direito tinha uma fotografia em que eu estava

sentada ao colo do meu pai e debruçada para soprar as velas de um bolo de aniversário. Devia ter 6 anos. Havia uma outra moldura grande de marfim com a fotografia do casamento dos meus pais. Passei o dedo pelo véu da minha mãe. Sempre me disseram que eu era parecida com ela, mas quando era criança não conseguia ver as parecenças. No entanto, agora era a cara chapada dela. Custava-me a acreditar que tinham morrido os dois.

Em cima da mesinha da sala de jantar estava uma pilha de papéis. Eu tinha dado a minha morada para que me enviassem as cartas do meu pai, por isso, na sua maioria, os papéis eram catálogos e publicidade não endereçada. Uma vez por mês, a Sra. Cascio enviava-me tudo o que tinha chegado, apesar de eu lhe ter dito que não era preciso. Inspeccionei distraidamente os papéis, sem esperança de encontrar alguma coisa que valesse a pena guardar. Mas detive-me quando vi um envelope endereçado a mim — ou melhor, não a mim, a *Luca Ryan*. Era um nome que não ouvia há muito tempo. Quando andava no segundo ano, a minha professora, a Sra. Ryan, iniciou um programa de troca de correspondência com uma pequena cidade de Inglaterra. Não podíamos usar os nossos apelidos verdadeiros por questões de segurança, por isso toda a turma utilizou o apelido dela. E foi assim que eu me tornei a Luca Ryan.

Olhei para o remetente.

*G. Quinn*

Uau, a sério? Não podia ser.

Semicerrei os olhos na direção do selo. Era de um endereço da Califórnia, não de Inglaterra, mas o único Quinn que eu conhecia era o Griffin. E a caligrafia era-me bastante familiar. Mas há quase oito anos que não trocávamos cartas. Por que motivo me escreveria ele agora?

Curiosa, abri o envelope e olhei para o fundo da carta à procura do nome. Como seria de esperar, era mesmo do Griffin. Comecei a ler desde o início.

*Querida Luca,*

*Gostas de whisky? Lembro-me de dizeres que não gostavas do sabor da cerveja. Mas nunca chegámos a comparar os nossos gostos em bebidas destiladas. E porquê? Deixa-me que te lembre. Porque paraste de responder às minhas cartas há oito anos.*

*Quero que saibas que continuo chateado com isso. A minha mãe costumava dizer que eu alimento ressentimentos. Mas eu prefiro dizer que me lembro dos factos. E o facto é que tu não prestas. Pronto, está dito. Há muito tempo que ando com isto entalado na garganta.*

*Não me interpretes mal. Não sou obsessivo ou coisa que o valha. Não fico sentado em casa a pensar em ti o dia todo. Na verdade, passam-se meses sem que pense uma única vez em ti. Mas depois, de um momento para o outro, lembro-me de alguma coisa aleatória. Como quando vejo um miúdo qualquer num carrinho de bebé a comer um caramelo de alcaçuz e tu vens-me à cabeça. A propósito, voltei a prová-los em adulto e continuo a achar que sabem a sola de sapato, por isso talvez tu não tenhas papilas gustativas. Se calhar nem sequer gostas de whisky.*

*Seja como for, tenho a certeza de que esta carta não irá chegar até ti. Ou, se por algum milagre chegar, tu não vais responder. Mas se estiveres a ler isto, quero que saibas duas coisas.*

*1. O Macallan 1926 é mais caro, mas vale a pena. Escorrega que é um mimo.*

*2. Tu NÃO PRESTAS.*

*Adeus, traidora,*

*Griffin*

*Mas que raio?*

## 2

### Luca

**N**ão prestas.  
Não prestas.  
Não prestas.

Não conseguia concentrar-me em mais nada desde que abri aquela carta.

Enquanto continuava a colocar os pertences do meu pai na caixa, a minha mente foi inundada de pensamentos sobre o rapaz — que agora seria um homem — que outrora ocupara um lugar de destaque no meu coração.

Uma mensagem do doutor interrompeu as minhas recordações.

Doutor: Podia jurar que acabei de ver uma pega no Central Park.

*Uma pega?*

Luca: O quê?

Doutor: Uma pega-rabuda. Uma das aves mais elegantes desta espécie.

Luca: Ah. Aves. Já devia ter calculado.

Doutor: É uma ave não migratória que só existe no estrangeiro, por isso não podia ser. Mas se não é uma pega-rabuda, o que será? A última vez que vi uma estava em Inglaterra!

O facto de ele ter falado em Inglaterra foi estranho. Era quase um sinal do Universo, tendo em conta a carta do Griffin. Se bem que, tecnicamente, a carta tinha o selo da Califórnia. Precisava de me acalmar e falar com o doutor acerca disto. Nunca lhe tinha falado sobre o Griffin.

Luca: Preciso de lhe contar uma coisa. Pode vir aqui?

Doutor: Acho que seria benéfico para ti saíres do apartamento.

Suspirei, pois sabia que ele tinha razão. Mas precisava de me certificar de que ele não estava num local com muita gente.

Luca: O parque está cheio neste momento?

Doutor: Não. Pelo menos não onde estou sentado.

Luca: Está bem. Pode dizer-me o local exato onde se encontra?

\*\*\*

O doutor estava sentado num banco rodeado de pombos quando cheguei junto da estátua The Falconer, no Central Park. Tinha os binóculos erguidos na direção do céu e, quando os baixou ao nível dos olhos, deu um salto como se eu o tivesse assustado.

— Bem, parece que eles encontraram o seu animal-espírito — provoquei-o. — Parece que se espalhou a notícia de que chegou à cidade o maior amante de aves que alguma vez visitou Nova Iorque.

— Quem me dera. Foi o pão. Não é preciso muito para chamar a atenção dos pombos. O problema é que eles não compreendem quando acaba o pão. Quando dás por ti, estás num filme de Hitchcock. — Virou-se para mim e examinou a minha expressão. — O que se passa, Luca? Pareces um pouco ansiosa. Estar na rua incomoda-te?

— Não, não é isso.

— Estás enervada por teres de encaixotar os pertences do teu pai? Precisas da minha ajuda?

— Não. Por acaso, tenho sido bastante produtiva nesse aspeto. — Abri cuidadosamente a tampa do copo de café que tinha acabado de

comprar na carrinha de comida ao virar da esquina e soprei-o. — Mas aconteceu outra coisa.

— Como assim?

Bebi um gole e acenei com a cabeça.

— Recebi uma carta inesperada de um antigo amigo por correspondência. O nome dele é Griffin. A carta estava na pilha de papéis que normalmente são encaminhados para a minha casa no Vermont.

— E o que é que está a incomodar-te nessa carta?

— É a primeira vez que tenho notícias dele em muitos anos, e a carta foi... um pouco acusatória... perturbadora. Basicamente, ele disse-me que eu não prestava. Isso magoou-me, porque, de certa forma, ele tem razão. Nunca lhe expliquei devidamente o motivo pelo qual deixei de responder às cartas dele há oito anos.

O doutor fechou os olhos por instantes, em sinal de compreensão, parecendo adivinhar ao certo o rumo da minha conversa.

— Há oito anos... o incêndio.

Limitei-me a assentir.

Há oito anos, toda a minha vida mudou.

Eu era uma adolescente normal aos 17 anos. As noites de sexta-feira eram passadas nas bancadas repletas de gente a assistir aos jogos do meu namorado, que era *capitão da equipa de futebol americano*, a ir ao centro comercial com as minhas amigas e a assistir a concertos. Na altura, nem sequer conhecia o conceito de agorafobia. Era uma rapariga completamente despreocupada.

Mas a vida tal como eu a conhecia terminou no feriado do 4 de Julho do meu último ano do liceu. Deveria ter sido o verão dos meus sonhos, mas, em vez disso, tornou-se o meu pior pesadelo.

Eu e a Isabella, a minha melhor amiga, assistíamos ao concerto da nossa banda preferida, The Steel Brothers, em Nova Jérсия, quando uns foguetes que tinham sido lançados perto do recinto caíram sobre o telhado e provocaram um incêndio que consumiu o edifício. Mais de cem pessoas morreram, incluindo a Isabella. Eu só sobrevivi porque tive a sorte de estar na fila da zona da restauração, que ficava no piso de baixo, afastado do local da explosão.

— Bem, o doutor sabe quanto tempo eu passei a sentir que não merecia viver quando a Izzy morreu — disse. — Se tivesse sido ela a comprar as bebidas, ainda estaria viva. Na altura, o meu estado psicológico era tão mau, que eu não me permiti gozar nenhuma das coisas que me traziam felicidade. Uma dessas coisas era escrever cartas ao Griffin. Ele vivia em Inglaterra e nós trocávamos cartas desde o segundo ano. Portanto, há uma década. Ao longo dos anos, tornámo-nos mais do que amigos por correspondência. Éramos confidentes um do outro. Quando o acidente aconteceu... simplesmente deixei de lhe escrever, doutor. Embrenhei-me no meu mundo e deixei de responder. Permitted que a nossa amizade morresse juntamente com todas as outras partes de mim que eu sentia que tinham morrido.

Pouco tempo depois, comecei também a evitar locais repletos de gente e, com o passar dos anos, os meus medos apenas se intensificaram. Agora, com 25 anos, a minha lista de fobias é extensa. O único aspeto positivo de ser uma reclusa antissocial é o facto de poder desfrutar de horas incontáveis de solidão para escrever. Há alguns anos, o meu primeiro romance, que eu tinha publicado numa edição de autor, tornou-se um sucesso de vendas, e, quando dei por mim, já tinha escrito três *thrillers* de sucesso sob o pseudónimo Ryan Griffin e conseguido um contrato com uma editora de renome.

— Disseste que o nome dele era Griffin? Esse não é o teu...

— Sim. Ryan foi o apelido que eu usei nas cartas que lhe escrevi. Era o apelido da minha professora. E Griffin vem *desse* Griffin.

Ele revelou-se intrigado.

— Isso é muito interessante, Luca. — Há muito tempo que eu não dava material novo para análise ao doutor.

Quando as vendas dos meus livros começaram a aumentar, cheguei à conclusão de que queria assumir o controlo não só da minha carreira, mas também da minha vida. E foi então que encontrei o Dr. Maxwell, que estava praticamente reformado e era o único psicólogo do Vermont que fazia visitas domiciliárias a pacientes com agorafobia. O que eu não sabia na altura era que o doutor era ainda mais peculiar do que eu, o que, claro está, fez com que ele acabasse por se



tornar o meu novo melhor amigo. Eu sei que é uma relação estranha entre paciente e psicólogo, mas funcionou conosco. Também ajudava que a minha casa ladeada de árvores fosse como um refúgio para um amante de aves.

— Antes disto, quando foi a última vez que o Griffin te escreveu? — perguntou ele.

— Escreveu algumas vezes nesse primeiro ano, depois de eu ter parado de responder, até que, finalmente, desistiu de receber outra carta minha. Na altura, eu sentia-me entorpecida. E quando me apercebi do que tinha feito, de ter sabotado uma das melhores coisas da minha vida, senti demasiada vergonha para voltar a escrever-lhe. — Suspirei e admiti a verdade dolorosa. — De certa maneira, perder o Griffin foi o castigo que impus a mim própria por ter sobrevivido ao incêndio.

Ele ficou absorto por instantes para assimilar todas as minhas palavras.

— Bem, o pseudónimo que escolheste é certamente uma prova de que, de alguma forma, o Griffin nunca saiu do teu pensamento.

— Claro que sim. Nunca o esqueci. Apenas achei que nunca mais teria notícias dele. Estou chocada. Mas não o posso culpar por estar chateado. Para ele, eu mereci. Ele não sabe o que aconteceu.

— O que te impede de explicar agora? Enviar-lhe uma carta de resposta seria certamente uma atitude terapêutica, além de estar mais do que na hora.

— Ele odeia-me, doutor.

— Ele não te *odeia*. Se te odiasse, não te teria escrito uma carta passados tantos anos. É evidente que ele continua a lembrar-se de ti. Pode estar chateado. Mas só nos irritamos com alguma coisa se, até um certo ponto, essa coisa for importante para nós.

Eu sabia que, na altura, o Griffin gostava de mim. Eu também gostava muito dele. Parar com as nossas cartas foi provavelmente um dos maiores arrependimentos da minha vida. Isso e oferecer-me para ir comprar as bebidas no concerto.

Enquanto recordava algumas memórias do Griffin, deixei escapar uma gargalhada.

— Ele era muito divertido. Sempre senti que podia contar-lhe o que quer que fosse. Mas o mais estranho é que, embora não soubéssemos a identidade um do outro, ele provavelmente conhecia-me melhor do que qualquer outra pessoa. Ele conhecia a minha verdadeira *essência*.

— Continuas a ser a mesma pessoa, Luca. Apenas um pouco mais... — Ele hesitou.

— Exagerada?

— Não.

— Doida varrida?

— Ia dizer vulnerável.

O doutor desviou a atenção para um pássaro que tinha pousado no banco à nossa frente, levando de imediato os binóculos aos olhos.

— Um cardeal-do-norte! — Ele virou-se para mim. — Sabes o que dizem sobre os cardeais?

— O quê?

— São mensageiros dos nossos entes queridos que faleceram. Talvez devas pensar no que o nosso amiguinho vermelho está a tentar dizer-te neste momento, Luca.

\*\*\*

Permanecemos em Nova Iorque durante cinco dias antes da longa viagem de regresso ao Vermont.

Entrar na minha adorada casa — o meu porto seguro —, depois de ter estado tanto tempo ausente, trouxe-me uma enorme sensação de conforto.

Fui buscar a *Hortencia*, a minha porca de estimação, a um agricultor local que tinha aceitado tomar conta dela. Este seria o momento adequado para perguntar por que motivo uma rapariga caseira tinha adotado uma porca de estimação. Bem, há alguns anos, houve um incêndio numa quinta que fica junto à minha casa. Quando soube que alguns dos animais tinham morrido, a notícia teve grande impacto em mim. O doutor achou que visitar o local do incêndio seria

um bom exercício de exposição. Quando cheguei à quinta, descobri que nem todos os animais tinham morrido. Alguns continuavam lá, alojados num celeiro temporário. Quando olhei para os olhos da porca, basicamente vi-me a mim própria: um ser triste e solitário. É provável que ela também tivesse perdido a melhor amiga. Por isso, fiz o que qualquer pessoa que tivesse encontrado a sua alma gémea faria: levei-a para casa. Desde então, ela tornara-se uma espécie de filha, sem dúvida mimada. Uma vez que nunca planeei ter filhos, achei que seria apropriado tratá-la como tal.

Enquanto tentava regressar à rotina doméstica, continuava a ser atormentada pela carta do Griffin.

*Não prestas.*

*Não prestas.*

*Não prestas.*

Ele nunca foi pessoa de medir as palavras, mas desta vez tinha sido bruto.

Senti que devia chorar à conta das palavras dele, mas já não conseguia chorar mais. Na verdade, eu e o doutor brincávamos com a ideia de que eu era incapaz de derramar lágrimas. Ele incitou-me a tentar chorar, a deixar sair tudo cá para fora, mas nunca consegui — não desde o acidente. Nem sequer quando o meu pai morreu.

Desci à cave para procurar o recipiente de plástico onde tinha guardado todas as cartas antigas do Griffin. Se eu conseguisse lembrar-me da relação que tínhamos ao reler uma ou duas cartas, talvez isso me ajudasse a decidir se devia ou não enviar-lhe uma resposta. Responder à sua carta acusatória podia ser como abrir uma enorme caixa de Pandora. Talvez fosse melhor deixar a poeira assentar e deixar que as memórias que guardava dele continuassem a ser positivas. Talvez uma resposta me trouxesse o muito desejado ponto final, mesmo que ele nunca mais voltasse a enviar-me uma carta.

Abri o recipiente e fechei os olhos enquanto tirava uma. Não queria interferir com o destino e escolher uma determinada carta para ler. Por isso, escolhi uma à sorte.

Ao reconhecer a data, apercebi-me de que era uma das cartas mais antigas, enviada na altura em que tínhamos 10 anos.

*Querida Luca,*

*Como tens passado?*

*Sinto-me triste porque a minha mãe e o meu pai me disseram que se iam divorciar. Eles dizem que a culpa não é minha.*

*Como correu o teu recital de dança? Recebeste flores no final, como querias? Eu enviava-te flores, se tivesse dinheiro.*

*Mas é muito caro enviar coisas para a América.*

*Escrevi-te uma canção. Começa assim:*

*Luca Luca Luca*

*Quero comprar-te uma bazuca.*

*Ainda não acabei. Estou à procura de mais palavras que rimem com Luca.*

*Um beijo e um queijo,*

*Griff*

Apertei a carta contra o peito e recordei-me da imagem dele que tinha na cabeça. Algures dentro da caixa encontrava-se a única fotografia que ele me enviara. Quando tínhamos 12 anos, quebrámos as «regras» tácitas e finalmente trocámos fotografias. Eu escolhi uma fotografia em que estava vestida para um concurso de dança, com maquilhagem e sapatos de sapateado. Ele enviou-me uma fotografia dele em frente a um edifício qualquer em Londres. Eu estava naquela idade em que começava a interessar-me pelos rapazes. Fiquei surpreendida ao descobrir que o Griffin, com grandes olhos castanhos e cabelo escuro, era uma brasa.

Nunca me esquecerei da resposta dele quando recebeu a minha fotografia.

*Vira a carta para veres a minha reacção à tua fotografia.*

E depois de o fazer, constatei que dizia:

*Uau, Luca. És muito gira!*

Acho que nunca tinha corado tanto na minha vida. Foi esse o primeiro momento em que me apercebi de que os meus sentimentos pelo Griffin podiam ser mais do que platónicos. Claro que eu mantivera esse pensamento bem guardado na minha cabeça, porque nada poderia acontecer entre nós, dada a distância que nos separava. Nenhum de nós tinha dinheiro para apanhar um avião para estarmos juntos. Mas a distância apenas facilitava as coisas, fazendo com que nos abrissemos mais um com o outro.

Recordar as palavras daquela versão mais jovem e amável do Griffin e compará-las com as palavras duras que recebera há uma semana era difícil de engolir. Ainda sem saber se deveria ou não responder-lhe, peguei noutra carta.

Esta carta, a avaliar pela data, tinha sido enviada na altura em que teríamos 15 ou 16 anos.

*Querida Luca,*

*Vou contar-te um segredo. Não confies nos rapazes. Nunca. Dizemos o que quer que seja para nos enrolarmos convosco. E quando nos enrolamos, fodemos tudo — literalmente — em dois segundos.*

*Pronto... podes confiar em mim, mas não nos outros rapazes. (E isso é só porque estou longe e, de qualquer das formas, não posso tentar nada, caso contrário, também não confiava em mim próprio.)*

*Enfim... fiz sexo. Acho que talvez já tivesses chegado a essa conclusão.*

*Foi bom, mas não tão fantástico como pensei que seria. Na verdade, foi um tanto constrangedor. Mas, acima de tudo, foi rápido. Ainda não fizeste, pois não? Espero que a resposta seja não. É bom que a resposta seja não, Luca. Se for sim, não me contes. Não conseguiria lidar com o facto de saber.*

*(Por acaso, não, quero que me contes. Mas talvez precise de roubar um pouco do whisky do meu pai antes de me contares).*

*A minha mãe está melhor. Obrigado por perguntares. Disseram que o cancro só se espalhou para os ovários. Isso é bom. (É bom, não é?) Sabes alguma coisa sobre cancro dos ovários? Preciso que me digas que vai ficar tudo bem. Confiaria nisso se fosses tu a dizê-lo. Diria que apenas preciso de ouvi-lo. Porque não posso perder a minha mãe.*

*Não demores muito a responder. Receber as tuas cartas deixa-me sempre bem-disposto.*

*Um beijo e um queijo,  
Griff*

Suspirei e voltei a colocar a carta no devido envelope. Fui acometida por um misto de sentimentos.

*Pronto, talvez lesse apenas mais uma.*

Peguei noutra carta, abri-a e li-a.

*Querida Luca,*

*Escuta-me. Se há uma coisa que te possa dizer para que acredites, acredita nisto: uma vez traidor, traidor para sempre. Como é que eu sei disso? Porque o meu pai é um traidor, porra! Eu sou filho de um traidor.*

*Por isso, se quiseres voltar a ser traída, fica com aquele falhado de um raio com quem namoras.*

*Ouviste? Sou eu a gritar de Inglaterra! NÃO dês uma segunda oportunidade àquele cabrão. Pouco me importa que ele diga que está arrependido.*

*Ele não te merece, Luca. Não merece.*

*Ele tem sorte por haver um oceano a separar-nos, porque eu ter-lhe-ia partido a cara por te ter magoado da forma que o fez. Estaria na cadeia e depois as minhas cartas seriam acompanhadas de um aviso a informar que foram enviadas de uma prisão.*

*Consegues perceber que estou chateado? Porque estou mesmo, porra! Enfim... (agora que disse o que tinha entalado), que mais tem acontecido na tua vida?*

*Na verdade, tenho algumas novidades. Formei uma banda com uns colegas da escola. Não te rias, mas é uma espécie de... boy band. Só que sou muito mais giro do que o Harry Styles. Mas não tens forma de saber disso, porque não me viste ultimamente. Deveríamos mudar isso em breve? Do género tu mostras-me o teu e eu mostro-te o meu? Estou a brincar. Sem pressão. É só uma ideia. Sei que gostas de manter o mistério. E, de certo modo, eu também gosto disso. (Mas, para que conste, se me dessem a escolher, gostaria de ver como és agora).*

*Responde rapidamente.*

*Um beijo e um queijo,*

*Griff*

*P.S. Ainda estou a estalar os nós dos dedos.*

Fechei os olhos e sorri.

Só havia uma carta que eu nunca tinha lido. Era a última carta que tinha chegado, quase um ano depois de eu ter deixado de responder. Nessa altura, sentira-me tão envergonhada pelo facto de ter passado tanto tempo sem lhe responder, que nem consegui lê-la. Na altura, não sabia que seria a última carta.

Quebrei a minha regra e comecei a procurar a carta que continuava por abrir no meio da pilha, até que finalmente a encontrei. Sabia que não seria uma carta agradável, mas, mesmo assim, abri-a.

Mas nada me podia ter preparado para o que encontrei. *Nada.*

*Luca,*

*Reparaste que não usei a palavra «querida»? Já não me és querida. Porque deixaste de responder à porra das minhas cartas. É bom que tenhas morrido. É tudo o que tenho a dizer.*



*Espera. Isso é mentira. Nunca desejaria que estivesses morta. Nunca. Só estou confuso. Estou a escrever-te para te dizer que esta é a última carta minha que alguma vez receberás.*

*O que é uma pena, porque estava mesmo a precisar de uma amiga agora, Luca.*

*A minha mãe morreu.*

*Nem acredito que estou a escrever isto.*

*Descobrimos há dois meses que o cancro dela tinha voltado e se tinha espalhado. Depois disso, aconteceu tudo tão rápido.*

*A minha mãe MORREU, Luca.*

*Morreu.*

Não consegui ler mais nada do que dizia a carta porque a tinta estava manchada das minhas lágrimas.

E agora, sem aviso prévio, as minhas lágrimas caíam em catadupa — lágrimas que eu nem sabia que ainda tinha capacidade para produzir.

Deve ter passado uma hora antes de as minhas lágrimas terem finalmente secado. Não chorava desde a morte da Isabella no incêndio. Pensava que as minhas lágrimas tinham secado todas. Pelos vistos, desde essa altura que nada me tinha afetado o suficiente para me fazer chorar.

*Ele perdera a mãe e eu nem sequer sabia.*

Agora, sem sombra de dúvidas, eu sabia que devia escrever-lhe. Devia-lhe uma explicação sobre aquilo que me tinha acontecido e sobre o motivo pelo qual tinha deixado de responder.

Mesmo que, depois disso, ele continuasse a odiar-me, pelo menos ele merecia um pedido de desculpa.

Eu não podia adiar mais isto.

Sabia que iria passar a noite toda a revelar-lhe o que me ia na alma. Só esperava que ele conseguisse perdoar-me.

# BASTOU UMA ÚNICA CARTA PARA DESPERTAR TODOS OS SENTIMENTOS REPRIMIDOS...

**D**urante anos, eu e o Griffin trocámos centenas de cartas sem nunca nos termos conhecido pessoalmente. Foi assim que nos tornámos grandes amigos, partilhando todos os nossos segredos e estabelecendo uma ligação que eu nunca pensei ser possível de quebrar. Até que um terrível acontecimento me levou a fechar-me no meu mundo e esquecer-me de tudo o que me fazia feliz. Sem lhe dar qualquer explicação, deixei de lhe escrever.

Oito anos depois, uma inesperada carta do Griffin fez-me reviver alguns momentos do passado e a nossa amizade foi recuperada. No entanto, agora que já não somos crianças, as nossas cartas tornaram-se bastante mais adultas. Em todos os sentidos!

Começa a ser difícil manter esta ligação apenas no papel, por isso acho que está na altura de enfrentar os meus medos e conhecer o Griffin em carne e osso. Só que isso tem implicações inimagináveis e que vão obrigar-me a enormes mudanças. Serei eu capaz?

## AGORA, CHEGOU A HORA DE PASSAR DO PAPEL À AÇÃO!

**Apaixone-se também  
pela história de  
Charlotte e Reed:**



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-560-2



9 789895 645602

Romance Erótico